



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/INGLÊS

MIRLENE SOARES DE OLIVEIRA

EXPANDINDO O VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INGLESA:

Uma proposta de intervenção a partir do gênero blog

**GUARABIRA - PB**

**2014**

**MIRLENE SOARES DE OLIVEIRA**

**EXPANDINDO O VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INGLESA:**

Uma proposta de intervenção a partir do gênero blog

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras/Inglês, sob orientação do Prof. Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade.

**GUARABIRA - PB**  
**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48e Oliveira, Mirlene Soares de  
Expandindo o vocabulário da língua inglesa: [manuscrito] :  
uma proposta de intervenção a partir do gênero Blog. / Mirlene  
Soares de Oliveira. - 2014.  
35 p. : il.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Prof. Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade,  
Departamento de Letras".

1. Língua inglesa. 2. Cotidiano. 3. Raciocínio. I. Título.  
21. ed. CDD 420

MIRLENE SOARES DE OLIVEIRA

EXPANDINDO O VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INGLESA:

Uma proposta de intervenção a partir do gênero blog.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação do Prof.Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade.

Artigo apresentado em 18/07/2014

Luiz Henrique Santos de Andrade.

Orientador Prof. MS. Luiz Henrique Santos de Andrade

Luana Anastácia Santos de Lima

1º Examinador (a) Prof.(a). Ms. Luana Anastácia Santos de Lima

1ª Examinadora

Verônica Santos de Lima

2º Examinador (a) Prof.(a). Esp. Verônica Santos de Lima

2ª Examinadora

## EXPANDINDO O VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INGLESA:

Uma proposta de intervenção a partir do gênero blog.

SOARES DE OLIVEIRA, Mirlene

### RESUMO

Para os PCNs (1998, p.8), é indispensável, “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”. No entanto, sabemos das inúmeras dificuldades que o ensino de língua inglesa apresenta hoje nas escolas para tal difusão. Oliveira (2010, p.29) acentua que: ao professor cabe a tarefa de propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos. Sendo assim, foi em campo que tiramos nossas dúvidas sobre esse ensino. Com base na análise sobre o vocabulário de língua inglesa no nosso cotidiano, observamos que esse conteúdo é amplo e também pouco explorado por outras vias de acesso, como os blogs. Tendo em vista que, muitas das palavras que usamos diariamente para nos comunicar são de natureza estrangeira, propomos a pesquisa no blog “Inglês no Supermercado” para identificar esses vocábulos. Pronunciamos e os entendemos inconscientes, usamos outra língua e não lembramos muitas vezes que não pertencem a nossa língua materna. Nessa via de raciocínio, cremos que não era pra ser tão difícil a tarefa de inserir ao conteúdo pragmático escolar o ensino de língua inglesa, no entanto essa tarefa árdua de fazer os discentes se interessarem por tal disciplina ainda é um problema que se agrava cada vez mais. Sendo assim, foi proposto as amostras dessas palavras inconscientes para um maior reconhecimento e consciência dos vocábulos usados no nosso dia a dia, mostrando aos alunos que a língua inglesa pode sim, ser introduzida por um gênero virtual, facilitando o aprendizado de tal língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua inglesa. Cotidiano. Raciocínio.

### ABSTRACT

To the PCNs (1998, p.8), to know how to use different sources of information and technology to acquire and construct knowledge is essential. However, we know the many challenges that the teaching of English in schools today presents for such diffusion. Oliveira (2010, p.29) said that: the teacher is who must provide students the environment that they needed to build their knowledge resources. So, our doubts about this teaching were eliminated at field. According to the analysis about to the vocabulary of the English language in our daily life, we note that this content is broad and also little explored by other ways, such as the blogs. Seeing that, many of the words that we use everyday to communicate are from foreign language, we propose research in the blog "English Supermarket" to identify these words. We pronounce and understand unconscious, we use other language and many times we do not remember that this vocabulary does not belong to our mother language. Based on this reasoning, we believe that it was not to be so difficult the task to insert the teaching of English to pragmatic content of school; however, this arduous task of making the students become interested in this discipline is still a problem that worsens increasingly. Therefore, this paper propounds samples of these unconscious words to greater recognition and awareness of the vocabulary used in our day to day, showing students that the English language can indeed be introduced by a virtual genre, facilitating the learning of that language.

**KEYWORDS:** English language. Everyday. Reasoning

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico objetiva apresentar aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Humberto Lucena, situada em Pirpirituba – PB, a importância da Língua Inglesa no mundo. Incentivando o uso dos gêneros virtuais, como a informática e outros meios eletrônicos disponíveis que possam facilitar a aquisição e o uso de novas aprendizagens em Língua Estrangeira. E estimular os alunos a manter o interesse pelo aprendizado da língua alvo utilizando-a como ferramenta de estudo.

Para Marcuschi e Xavier (2005, p.13) a preferência por essas novas tecnologias se dá pelo fato de reunir várias formas de expressões e pela aceleração de acesso, e sua flexão linguística.

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos lingüísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade lingüística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais.

Nota-se que atualmente uma das L. E Modernas mais globalizadas é a L. I, a qual num ritmo acelerado está, amplamente, sendo usada em todo o mundo. Sendo que a globalização não é um fenômeno surgido recentemente, mesmo que a moda acadêmica corrente possa criar essa impressão. O uso de uma língua tão conhecida é de grande valia para a obtenção da comunicação e para interagir com indivíduos linguisticamente diferentes.

Tal processo precisa ter sentido para os alunos e o professor tem papel crucial para a consolidação dele. Assim, os resultados serão outros na sala de aula. Por isso é que concordamos quando Scheyerl (2010, p. 131) afirma que:

...a eficácia pedagógica dependerá principalmente da ação desenvolvida em sala com os alunos, pois é o professor quem tem a posição privilegiada de negociar, sugerir, incentivar e orientar as mudanças necessárias para que o processo de aprendizagem, como um todo, funcione de modo harmônico e produtivo.

A aprendizagem de uma (LE) é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo e poder agir no mundo social. (PCN, 1998, p. 15), no entanto, para se aprender essa língua deve sempre haver motivação.

Nessa visão de interação dos gêneros virtuais como novo método pedagógico no ensino de L.I, professor como mediador e motivador dos pressupostos aprendizados, trataremos no primeiro tópico a importância de aprender a L.I nos dias atuais. Pois é através dela que conseguimos nos interagir com pessoas de qualquer lugar do mundo. Traremos também, a iniciação da intervenção que foi por meio de pesquisa em laboratório de informática, mostrando aos alunos que a internet é uma aliada do aprendizado na hora de aprender inglês. Trabalharemos um blog “Inglês no Supermercado” pra maior explicitação do que se pretende alcançar, ele também nos ajudará a entender o que está escrito nas embalagens dos materiais e produtos domésticos, para que não aconteça de comprarmos nenhum produto sem saber o que realmente estamos comprando, pois traz explicações dos vocábulos e sua classe gramatical. São poucas as pessoas que entendem o que está escrito nos rótulos das embalagens, e aprendendo essa língua não ficarão mais perdidos, com vergonha de perguntar o que está escrito.

No capítulo seguinte abordamos a importância de se trabalhar com gêneros textuais em sala de aula. Mais especificamente os gêneros virtuais, como veremos na sequência dos tópicos. Levando em conta os métodos de ensino na contemporaneidade e das necessidades vividas pelos discentes de serem inseridos no mundo digital e do conhecimento através da internet, o aprendizado de uma língua estrangeira está cada vez mais rápido e próximo.

Para analisar o ensino a partir dos gêneros virtuais a professora utilizou um blog chamado “Inglês no Supermercado”, que vem demonstrar que podemos aprender o inglês com pequenas distinções do nosso dia a dia, como uma simples ida ao supermercado.

Abrimos também um tópico para as reflexões das expectativas na realização das pesquisas de campo, explicitando as contribuições e dificuldades que tivemos para a realização da mesma. Bem como também, as análises dos desafios encontrados no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira no contexto atual a partir das colocações dos discentes a respeito do ensino em gênero virtual.

Assim segue o nosso trabalho, apresentando as colocações concebidas através das pesquisas e dos autores.

## **2. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA**

Atualmente uma das Línguas Estrangeiras Modernas mais globalizadas é a Língua Inglesa, a qual num ritmo acelerado está, amplamente, sendo usada em todo o mundo. Sendo que a globalização não é um fenômeno surgido recentemente, mesmo que a moda acadêmica

corrente possa criar essa impressão. A abrangência e a profundidade da inserção global das culturas é um fenômeno novo, podendo afirmar que o uso de uma língua tão conhecida é de grande valia para obtenção da comunicação e para interagir indivíduos linguisticamente diferentes. A importância de se aprender a Língua Inglesa nos dias atuais é que qualquer um de nós que chegar a qualquer lugar do mundo, haverá alguém com quem possamos nos comunicar nessa Língua e que nenhum de nós comprará produtos sem saber o que realmente estamos comprando. São poucas as pessoas que entendem o que está escrito nas embalagens dos materiais e produtos domésticos, aprendendo essa Língua não ficarão perdidos com vergonha de perguntar o que está escrito.

A aprendizagem de uma L.E é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo e poder agir no mundo social. (PCN, 1998, p. 15), no entanto, para se aprender essa língua deve sempre haver motivação.

Fator fundamental na aprendizagem é o fenômeno motivacional, pois sem motivação não há aprendizagem. “Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma porção de outros recursos, mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver o fator motivacional não haverá aprendizagem”. (PILETTI, 2004, p. 63).

No entanto, podemos ver que a inserção do inglês é mais do que modismo. Aprender uma segunda língua é uma necessidade que a globalização exige, seja para fins acadêmicos, comerciais, turísticos, entre outros. Ela aparece constantemente no nosso dia a dia, em palavras adotadas por nós brasileiros, como notebook, pen drive, download, jeans, shopping center, pet shop, lanhouse, pit stop, internet, stress, look, fastfood, hot dog, e-mail, entre tantas outras palavras que a internet ajudou a popularizar e que hoje fazem parte do nosso vocabulário cotidiano.

E não para por aqui, se olharmos ao nosso redor, e começarmos observar nos objetos que temos em casa, por exemplo, na geladeira, cozinha, alimentos, roupas, produtos de beleza, objetos escolares, bebidas, balas, brinquedos infantis e materiais de higiene, enfim praticamente em tudo, veremos o quanto o inglês é importante e inevitável em nossa vida.

Mesmo assim, muitos dizem possuir verdadeira aversão à referida língua em estudo, e nem ao menos almejam cursar essa disciplina, porque não tem condição financeira para viajar ao exterior, e por essa razão acreditam que seja desnecessário aprendê-la. Após essa pesquisa, percebi que são pessoas meramente inocentes, pois não precisamos do inglês somente para ir a países estrangeiros, já que eles (principalmente os da Língua Inglesa) estão entrando em



nosso país e “dominando” nossa vida, direto ou indiretamente. Um grande exemplo disso é a Copa do Mundo que foi aqui no Brasil, aonde vieram muitos estrangeiros de vários lugares prestigiarem a copa do mundo aqui no nosso país, os quais tinham como linguagem global, o Inglês. A Copa e as Olimpíadas, que também será aqui no Brasil, vão provar que o inglês é importante para os brasileiros e assim, talvez, despertar a consciência do quão importante é aprender e ser fluente em uma Língua Estrangeira.

Além dessas funções, o estudo de outra língua, nesse caso especificamente o da língua inglesa, nos traz muito mais do que palavras inseridas no nosso dia a dia, ela nos traz a cultura interna de um povo, de um lugar, seus hábitos e também sua literatura. Abrindo-nos um mundo de conhecimento e fascínio. Porém, esses contextos importantes para o ensino de língua inglesa muito pouco se vê em sala de aula. Com práticas ineficazes, esse ensino está cada vez mais degradado e comprometido, não conseguindo alcançar os objetivos que os PCNs de L.E exigem, ou seja, fenômeno da súbita globalização do mundo e da consequente necessidade de uma linguagem eficiente de comunicação é um fato que não depende de nele acreditarmos ou não. Sendo assim, aprender um idioma tornou-se uma necessidade básica para profissionais de diversas áreas e para aqueles que se preparam para ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. O domínio de idiomas significa crescimento, desenvolvimento e, acima de tudo, melhores condições de acompanhar as rápidas mudanças que vêm ocorrendo nesse novo e tecnológico século.

Com a modernização e a mudança constante da sociedade, o ensino de língua inglesa tomou novos rumos e ganhou ferramentas importantes para o seu aprendizado. A internet foi uma das que veio para ajudar a transformar esse meio. Veremos então no próximo tópico a intervenção digital e sua colaboração para esse ensino.

## **2.1 Gêneros Textuais**

Gêneros textuais são tipos específicos de texto de qualquer natureza. Foram criados para satisfazer a necessidade de comunicação entre o locutor e o interlocutor. Suas evoluções foram extremamente importantes para o ramo da linguística, já que, temos vários gêneros a serem estudados e classificados. Com essa evolução, é o óbvio, que vários gêneros podem aparecer ou desaparecer, levando-se em conta a época ou a necessidade dos povos.

Logo, Karwoskiet AL. (2011, apud Bazerman,1994), menciona que: “gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais do nosso dia a dia.”

O trabalho pedagógico com gêneros textuais pode ser o caminho para um ensino e aprendizagem efetuados de forma eficaz, contribuindo de maneira significativa para que os estudantes sejam mais competentes não só em suas atividades escolares, mas principalmente em suas práticas sociais.

De acordo com Karwoskiet AL. (2011, p.18, apud BAZERMAN, 1994) “O estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais”.

Suas características funcionais e organizacionais fazem parte da interação oral ou escrita de um indivíduo, sendo ele o protagonista do seu próprio tipo de discurso. Em sua grande variedade de teorias de gêneros no momento atual, Karwoskiet AL. (2011: 19) afirma que: “as teorias de gêneros que privilegiam a forma e a estrutura estão hoje em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como seu componente crucial, a linguagem”.

Os gêneros textuais que são práticas textuais vinculados à vida social, entidades sócio-discursivas e formas de ação social fazem parte da situação comunicativa. Surgem lado a lado às necessidades interacionais. Nesse sentido há constantemente, uma explosão de gêneros.

Não é difícil constatar que nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias por si que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem novas formas discursivas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante.

O aspecto central no caso desses e outros gêneros emergentes é a nova relação que instauram com os usos da linguagem como tal. Em certo sentido, possibilitam a redefinição de

alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras. Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento.

Segundo Bronckart (1999), os gêneros textuais constituem ações de linguagem que exigem do interlocutor, competência para escolher dentre os diversos gêneros o mais adequado ao contexto e sua intenção comunicativa, além da aplicação e decisão que acrescentará algo a forma destacada recriando-a.

No processo de ensino-aprendizagem, não basta disponibilizar aos alunos modelos de textos, é necessário refletir sobre as formas de utilização de cada um considerando seu contexto de uso e de seus interlocutores. É preciso trabalhar a língua como uma unidade de ensino e os gêneros como objeto deste.

Para mudar os mecanismos de ensino é necessário investir na formação docente, assegurando-lhes condições que possibilitem atualizações frequentes e acesso as informações.

## **2.2 Propaganda, publicidade e texto publicitário**

Em situações de uso corrente no Brasil, os termos “publicidade” e “propaganda” ora se distinguem, ora se confundem. No meio acadêmico, os dois termos se apresentam como coisas distintas. A existência de cursos de graduação com o nome “Publicidade e propaganda” sinalizam para essa distinção. Já na linguagem comum, os anúncios publicitários em geral são considerados “propagandas”. Nesse caso, a distinção que se costuma fazer é entre propaganda política, comercial, institucional, religiosa e assim por diante. Se tomarmos como referência a origem etimológica da palavra “propaganda”, constataremos que se trata de “algo que deve ser propagado”, termo este utilizado originariamente no sentido de “propagação da fé”, pela Congregatio de propaganda fide, em Roma, no ano de 1622, Sandmann ( 1999, p. 9).

Tendo como referência o português, Sandmann (1999, p. 10) observa que o termo “publicidade é usado para a venda de produtos ou serviços e propaganda tanto para a propagação de idéias como no sentido de publicidade”. De acordo com essa distinção, a

publicidade tenderia mais para o âmbito comercial (no sentido de convencer a adquirir produtos ou utilizar serviços), enquanto a propaganda tenderia mais para o âmbito ideológico (no sentido de propagar idéias). Mas, na prática, os dois conceitos são tratados como sinônimos.

A existência de leis e códigos voltados para o controle da atividade publicitária não garantem transparência e honestidade intelectual. E a linguagem (por seu caráter polissêmico) é o espaço de ação do publicitário. É no espaço da linguagem que o publicitário irá revelar, ou ocultar, o que lhe convém. Não obstante, a despeito de sua intencionalidade, ele não detém o controle sobre os efeitos de sentido que a linguagem pode produzir. E é justamente aí o espaço da análise do discurso publicitário: a materialidade lingüística. O texto, enquanto unidade lingüística (composto por enunciados verbais e não-verbais), é o suporte material do discurso e, por conseguinte, o objeto a partir do qual se pode analisar o contexto de enunciação, os recursos utilizados e os aspectos discursivos.

Em seu aspecto formal, o texto publicitário caracteriza-se pela simbiose entre a linguagem verbal e a não-verbal. As imagens (e outros recursos visuais) adquirem uma importância fundamental nos textos publicitários. Tanto é assim que, na maioria das propagandas, as imagens ocupam grande parte do espaço destinado ao anúncio. O apelo visual acaba sendo, por vezes, maior do que aquele expresso por meio de palavras. Sendo assim, ao analisar o texto publicitário, não se pode isolar os enunciados verbais das imagens, empreendendo uma análise “puramente lingüística”, mas antes, observar como palavras e imagens se relacionam entre si.

Outro aspecto importante é que o texto publicitário é um dos que gozam de maior liberdade de criação, tanto no que se refere à linguagem verbal, quanto aos demais recursos visuais. Por conta disso, os publicitários tendem a explorar mais intensamente o caráter simbólico da linguagem, recorrendo a inúmeros recursos que dificilmente poderiam ser utilizados em outros tipos de texto. Além disso, o texto publicitário pode apresentar muitas variações no que se refere à disposição dos elementos que o constituem, tendo como limite o tamanho do espaço destinado ao anúncio. O publicitário pode escolher tipos e tamanhos de letras, cores, imagens e formas de enquadramento, entre outras possibilidades.

Outra característica importante do texto publicitário diz respeito à sua função apelativa e a seu caráter persuasivo. E o processo de persuasão inclui algumas etapas como chamar a atenção, seduzir e convencer. O convencimento, porém, depende da argumentação. Mas a argumentação, no texto publicitário, não se reduz à utilização de argumentos lógicos e racionais (como nos textos dissertativos convencionais), recorrendo com freqüência a apelos

emocionais, tanto por meio enunciados verbais como de imagens que buscam sensibilizar o público-alvo.

Nesse sentido, o publicitário é alguém que conhece não apenas de linguagem, mas também de sentimentos e emoções. Sendo assim, a análise do texto publicitário não pode limitar-se a aspectos formais da linguagem e a critérios puramente racionais, devendo ocupar-se também de aspectos subjetivos.

### **3. OS GÊNEROS VIRTUAIS E SUA IMPORTÂNCIA**

De acordo com Marcuschi e Xavier (2005, p. 53), não se sabe exato quantos gêneros são identificados na mídia, ele afirma: “Desconheço levantamentos exatos de quantos gêneros poderiam ser identificados na mídia virtual e ignoro se já há uma designação consagrada para os mesmos”.

Entre os gêneros mais conhecidos eles situam pelo menos estes (com designações tentativas):

- e-mail (correio eletrônico na forma com formas de produção típicas). Inicialmente um serviço (electronic mail), resultou num gênero (surgiu em 1972/3 nos EUA).
- bate-papo virtual em aberto (room-chat) (inúmeras pessoas interagindo simultaneamente). Surgiu como IRC na Finlândia em 1988.
- bate-papo virtual reservado (chat) (variante dos room-chats do tipo (2) mas com as falas acessíveis apenas aos dois selecionados, embora vendo todos os demais em aberto).
- bate-papo agendado (ICQ) (variante de (3), mas com a característica de ter sido agendado e oferecer a possibilidade demais recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos).
- bate-papo virtual em salas privadas (sala privada com apenas os dois parceiros de diálogo presentes). Uma espécie de variação dos bate-papos de tipo (2).
- entrevista com convidado (forma de diálogo com perguntas e respostas num esquema diferente do que os dois anteriores).
- aula virtual (interações com número limitado de alunos tanto no formato de e-mail ou de arquivos hipertextuais com tema definido em contatos geralmente assíncronos).

- bate-papo educacional (interações síncronas no estilo dos chats com finalidade educacional, geralmente para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios).
- vídeo-conferência interativa (realizada por computador e similar a uma interação face a face; uso da voz pela rede de telefonia ou a cabo)
- lista de discussão (grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens).
- Endereço eletrônico (o endereço eletrônico seja o pessoal para e-mail ou para a homepage tem hoje características típicas e é um gênero).

Segundo Marcuschi, entre os mais praticados estão os e-mails, bate-papos virtuais e listas de discussão. Hoje começam a se popularizar também as aulas virtuais no contexto do ensino à distância. Em todos esses gêneros a comunicação se dá pela linguagem escrita.

O e-mail é, sem dúvida, hoje, uma das formas de comunicação mais utilizadas no mundo moderno. Ele chegou para ficar e vem consolidando as relações comunicativas de maneira simples, prática e econômica.

Esse momento é, portanto, bastante privilegiado para buscar entender a condição em que estão se instituindo as práticas de leitura e de escrita digitais, uma vez que esse novo tipo de letramento na cultura digital nos conduz a um estado diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita dos impressos antes da era da Internet.

Temos que considerar e mostrar a importância, que, de fato, a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento novas maneiras de ler e de escrever, enfim, novos letramentos, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela (SOARES, 2002).

### **3.1 De que forma os gêneros digitais tem importância nos dias atuais para o ensino?**

A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. As inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo e, de

modo particularmente acelerado nos últimos 30 anos, quando os equipamentos informáticos e as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte de forma mais intensa da vida das pessoas e do cotidiano das instituições. Certamente, tudo isso tem contribuído para tornar as sociedades letradas cada vez mais complexas. (MARCUSCHI e XAVIER, 2005, p. 7)

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá.

Para Marcuschi e Xavier (2005, p.13) a preferência por essas novas tecnologias se dá pelo fato de reunir várias formas de expressões e pela aceleração de acesso, e sua flexão linguística.

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos lingüísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade lingüística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais.

O impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder tanto para construir como para devastar. “Seguramente, uma criança, um jovem ou um adulto, viciados na Internet, sofrerão sequelas nada irrelevantes” (MARCUSCHI e XAVIER, 2005, p. 14)

Segundo observou David Crystal (2001, p. 169), a propósito da participação indefinida nos bate-papos em salas abertas, a atividade se parece com “um enorme jogo maluco sem fim” ou, então, assemelha-se a uma “festa lingüística” (linguisticparty) para onde levamos nossa “língua” ao invés de nossa “bebida”.

Neste quadro, três aspectos tornam a análise desses gêneros relevante: (1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita. Assim, esse “discurso eletrônico” constitui um bom momento para se

analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias. (MARCUSCHI e XAVIER, 2005)

Aqui estão algumas reflexões de caráter epistemológico e metodológico para uma melhor compreensão do tema na perspectiva da teoria dos gêneros, com base em observações de caráter etnográfico. Move-nos a convicção de que uma etnografia da Internet é de grande relevância para entender os hábitos sociais e linguísticos das novas “tribos” da imensa rede mundial, que vêm se avolumando e diversificando a cada dia.

### **3.2 NOVAS TECNOLOGIAS, NOVOS RUMOS**

Segundo Crystal (2001, p.21), “... a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma cultura eletrônica, com uma nova economia da escrita”. Pode-se resumir esse aspecto numa expressão que está se tornando usual para designar o fenômeno, isto é, “letramento digital”, cujas características merecem ser mais bem conhecidas. Com as novas tecnologias digitais, vem-se dando uma espécie de “radicalização do uso da escrita” e nossa sociedade parece tornar-se “textualizada”, isto é, passar para o plano da escrita.

Os gêneros desenvolvidos no contexto de hoje se denominam mídia virtual, identificada centralmente na tecnologia computacional a partir dos anos 70 do século XX. Esse novo tipo de comunicação é conhecido como Comunicação Mediada por Computador (CMC) ou comunicação eletrônica e desenvolve uma espécie de “discurso eletrônico”, cujas peculiaridades serão aqui vistas. Este estudo deveria ser ampliado no que concerne ao grave problema das novas formas de comportamento que estão surgindo nos usos por incontrolados do computador.

Considerando a penetração e o papel da tecnologia digital na sociedade contemporânea e as novas formas comunicativas aportadas, afigura-se relevante pensar essa tecnologia e suas conseqüências numa perspectiva menos tecnicista e mais sócio-histórica. Certamente, não será fácil dar uma noção clara sobre tema tão complexo no qual, desde a década passada, proliferam as publicações. Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do “discurso eletrônico” ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação.

Para Marcuschi e Xavier (2005, p. 40) a escrita é essencial nessas novas tecnologias, ele diz que,



...um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os bate-papos virtuais são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos. Assim, se com o telefonema tornou-se um dia impossível continuar postulando a co-presença física dos interlocutores como característica exclusiva da oralidade, já que era possível interagir oralmente estando em espaços diversos, hoje se retira dela também a concomitância temporal.

Contudo, é bom ter cautela quando se afirma que algo de novo está acontecendo, pois essa propriedade do bate-papo virtual não implica a importação automática de propriedades da fala. Existem vários aspectos a serem considerados, pois as novas tecnologias não mudam os objetos, mas as nossas relações com eles.

A idéia de que a cada nova tecnologia, como lembra David Crystal (2001), o mundo todo se renova por completo, é uma ilusão que logo desaparece. Novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal. E, particularmente suas influências não foram tão devastadoras ou tão espetaculares como se imaginava. Daí a pergunta: quanto de novo vem por aí com a Internet em relação aos gêneros textuais?

Quanto a essa pergunta Crystal (2001) aponta três aspectos, na tentativa de descobrir algo sobre “o papel da linguagem na Internet e o efeito da Internet na linguagem”:

(1) do ponto de vista dos usos da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas e abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética;

(2) do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;

(3) do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos.

E um fato é aqui incontestável: a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som. Por outro lado, a idéia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas.

Assim, é possível que ainda tenhamos de esperar mais para ver o que ocorrerá em futuro próximo. Se alguém se ativesse a analisar a linguagem dos e-mails em meados dos anos 70, quando essa nova forma de comunicação estava iniciando, daria como propriedade

desse gênero a produção de textos limitados a dois ou três enunciados. No entanto, aquela era uma limitação devida à baixa velocidade da transmissão de dados eletronicamente e uma dificuldade dos programas computacionais de então. Hoje, o tamanho dos e-mails é ilimitado e pode-se anexar até livros inteiros. Tudo depende do programa que se usa e da capacidade da máquina ou qualidade do servidor a que se está conectado.

É inegável que a tecnologia do computador, em especial com o surgimento da internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa e na maioria dos casos numa relação síncrona. Isso dá uma nova noção de interação social.

### **3.3 Os gêneros emergentes no meio virtual**

Se nos dedicarmos a uma análise de detalhe dos gêneros emergentes na mídia eletrônica em geral (telefonia, rádio, televisão, Internet), veremos que algumas das idéias a respeito da interação verbal deverão ser revistas. Por exemplo, a presença física não caracteriza a interação conversacional em si, mas sim determinados gêneros, tais como os que se dão nos encontros face a face. De igual modo, a produção oral não é necessária, mas apenas suficiente para determinar a interação verbal, pois é possível uma interação síncrona, pessoal e direta pela escrita transmitida à distância, o que já era em parte possível pela comunicação pelo telégrafo e pelo código Morse. Mas no caso atual há uma série de novidades que não apenas simulam, mas realizam efetivamente a interação.

Então, vejamos os gêneros emergentes no meio virtual, que Marcuschi e Xavier (2005) destacam:

O **e-mail** (correio eletrônico) remonta ao início dos anos 70, portanto, é uma forma de comunicação que tem hoje cerca de 30 anos. Populariza-se apenas nos anos 80 para assumir a feição atual em meados dos anos 90. Surgiu casualmente nos computadores do Departamento de Defesa dos EUA (ARPANET). Durante quase uma década não tinha mais do que algumas linhas e, embora sua emissão fosse relativamente rápida, a recepção era muito lenta. Foi grandemente aperfeiçoado e vem sendo extremamente utilizado, tendo sido vaticinado como “o fim dos correios tradicionais” e das cartas escritas. Contudo, isso não se verificou, assim como os e-livros (livros eletrônicos) não representam a menor ameaça aos livros impressos. Assim foi também com o surgimento do telefone que parecia ser o coveiro dos correios. No entanto, nada mudou nesse particular, assim como a televisão não suplantou o rádio.

**Chats**, constata-se que surgiram na Finlândia no verão de 1988, quando Jarkko “WIZ” Oikarinen escreveu o primeiro IRC (Internet Relay Chat), na universidade de Oulu, com o objetivo de estender os serviços dos programas BBS (os e-mails de então) para comunicações em tempo real. De início, funcionava apenas na rede pessoal de Jarkko chamada tolsun oulu.fi. Após contatos com amigos norte-americanos, já em novembro de 1988 a novidade estava ligada à Internet. Em meados de 1989, eram 40 servidores interligados pelo IRC no mundo todo, mas obrigados a entrar com senhas e identificação pessoal.

Em agosto de 1990 ocorre a primeira dissidência mundial ao surgir o que se chamou a A-net (Anarchy net) que abria o IRC para qualquer um se conectar sem a necessidade de senha. Desde então os programas de bate-papo (chats) proliferaram a números espantosos. O certo é que um programa para comunicação limitada entre indivíduos que se conheciam cresceu e em menos de uma década tornou-se um dos gêneros mais praticados da civilização digital.

**Bate-papo virtual reservado:** este formato de participação comunicativa virtual tem as mesmas características que os bate-papos que acabamos de descrever, mas com uma diferença essencial, entre várias outras de menor monta. Isto é: os indivíduos interagem em particular, podendo até isolar-se dentro da sala pela escolha exclusiva de um parceiro. Este gênero opera no mesmo ambiente que o anterior e é uma de suas variações notáveis porquanto a sala e seus recursos ficam os mesmos, mas só ficam presentes as duas pessoas que se selecionaram para interagir reservadamente.

**Bate-papo ICQ (agendado):** este gênero de bate-papo virtual agendado ou agendável, denominado ICQ (I SeekYou), tem seu próprio programa e uma história à parte. Surgiu em agosto de 1996, em Israel, pelas mãos de seu criador Mirabilis, entrando na Internet quatro meses depois de sua criação. Aspecto curioso desse programa foi o fato de em curto espaço de tempo ter sido instalado em mais de meio milhão de usuários do mundo todo, constituindo-se num dos maiores sucessos mundiais na área de aplicativos interativos. Hoje são mais de 10.000.000 de usuários que se servem desse programa, sendo o mais divulgado e usado. A vantagem do programa é a possibilidade de criar uma lista de amigos que permanecem em contato sempre que estiverem conectados à rede.

**Bate-papo virtual em salas privadas:** este gênero não oferece novidades em relação aos programas de base anteriores, mas tem um aspecto essencialmente peculiar. Trata-se de uma forma de bate-papo virtual em salas específicas às quais só têm acesso duas pessoas que se comunicam.

**Entrevista com convidado:** aqui temos um tipo de serviço que se dá em servidores comerciais que sempre põem à disposição uma personalidade com a qual os interessados interagem. Entre as características centrais definidoras deste tipo de interação on-line, está a figura de um mediador que não aparece e que faz a triagem das perguntas que o entrevistado recebe para responder.

**Aulas virtuais por e-mails:** este gênero é bastante estudado na área educacional e vem sendo cada vez mais praticado no contexto do que se convencionou chamar de Ensino a Distância (EaD).

**Bate-papo educacional:** o ensino à distância, baseado nos programas de Chat educacional, é relativamente recente e data do início dos anos 90. Uma diferença básica do gênero bate-papo educacional na relação com os bate-papos virtuais em salas abertas é o fato de os participantes se conhecerem ou serem identificados por seus nomes. Não é comum que nesse ambiente se usem nicknames ou máscaras para se esconder e ficar no anonimato. Por outro lado, estes encontros têm uma estrutura relativamente clara que determina relações interpessoais e conteúdos sancionados. Não é tudo que vale nesses contextos de interlocução educacional.

**Vídeo-conferência interativa:** trata-se de um gênero que se aproxima dos bate-papos virtuais com convidados, mas têm tema fixo e tempo claro de realização com parceiros definidos. São síncronos e essencialmente institucionais com finalidade de trabalho. Essas conferências estão se popularizando e ainda dependem de uma tecnologia mais sofisticada. Como se pode observar nos casos em que elas ocorrem, a escrita é usada em menor intensidade e elas se aproximam dos telefonemas com imagem em circuito fechado.

**Listas de discussão:** estas listas estão hoje entre os gêneros mais praticados na comunidade acadêmica, mas são comuns fora dela. Em certo sentido constituem grupos definidos como comunidades virtuais que se agrupam em torno de interesses bem determinados e operam via e-mails como forma de contato. São gêneros fundados numa comunicação assíncrona.

**E o endereço eletrônico** é um dos identificadores pessoais dos indivíduos para todo tipo de participação na comunicação eletrônica. Contudo, em muitos casos ele não aparece, como por exemplo nas salas de bate-papos. Já no caso dos e-mails eles estão sempre presentes como se fossem o “envelope” da carta.

Esses gêneros são mediados pela tecnologia computacional que oferece um programa de base (uma ferramenta conceitual) e servem-se da telefonia. De certo modo, esses gêneros são diversificados em seus formatos e possibilidades e dependem do software utilizado para

sua produção. No caso dos e-mails, por exemplo, temos vários programas para sua elaboração.

Todos os gêneros aqui tratados dizem respeito a interações entre indivíduos reais, embora suas relações sejam no geral virtuais.

#### **4. METODOLOGIA**

Nossa investigação foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Humberto Lucena, localizada no centro da cidade de Pirpirituba-PB. A escola funciona os três turnos, manhã, tarde e noite. Sendo que, os turnos vespertinos atende somente aos alunos do ensino fundamental e a noite contempla o ensino para jovens e adultos, o EJA. É composta por um corpo docente de 20 professores, 1 diretora e 1 vice- diretora, 1 supervisor e 285 discentes. A estrutura física da escola é bastante deteriorada, com ambiente escuro e sem muitas proporções para uma boa evolução em um ensino de qualidade.

O projeto foi aplicado em 2h aulas, sendo um total de uma hora e vinte minutos, no dia 23 e 30 de maio de 2014, para os 14 alunos do 9ºano B do Ensino Fundamental II da Escola Humberto Lucena.

A coleta realizada no primeiro semestre letivo de 2014, foi do tipo participativa, ou seja, nós, pesquisadores, interagimos diretamente com os membros diretos na pesquisa, que eram os alunos.

A primeira parte do trabalho sugerido como pesquisa de campo, foi direcionada para a Informática e Internet, cabendo a professora apresentar o blog (Inglês no Supermercado), o vocabulário e dar o significado dos termos apresentados, que fazem parte do nosso cotidiano.

Foram trabalhadas imagens de produtos encontrados no supermercado com direcionamento para a aprendizagem do inglês sem ser em sala de aula. Utilizando-se dessas imagens e seus significados, enfatizamos que o inglês está inserido em nossa vida e muitas vezes passa despercebido.

Na segunda parte do trabalho, onde foram apresentadas algumas embalagens aos alunos por meio de imagens, houve a identificação do vocábulo em inglês, análise dos seus possíveis significados e a relação com o produto.

Logo em seguida foi proposto em sala de aula, a produção de anúncios publicitários utilizando as mesmas imagens dos produtos do blog. Desenhos a punho também foram usados para ilustração e a criatividade fluiu para a escrita dos anúncios dos alunos.

Na terceira e última parte aplicamos um questionário individual que todos os 14 alunos receberam e responderam, no intuito de melhor avaliar à aula e também para a professora colher mais dados para o presente trabalho.

Assim foi concluída a pesquisa de campo com a turma do 9º Ano B, da Escola de Ensino Fundamental II Humberto Lucena.

## 5. ANÁLISE

O ensino da língua inglesa nas escolas brasileiras há muito tempo tem sido alvo de críticas, desmerecimento e desprestígio. Muito, também, tem se discutido sobre as metodologias para o ensino da L.E, suas implicações, e muitas crenças têm sido levantadas quanto a isso. Inclusive a pior que poderíamos imaginar, é a de que é impossível se aprender inglês nas escolas públicas.

Apesar de longos anos dedicados à discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira, ele permanece ineficiente nas escolas públicas. Isso parece estar acontecendo por não se atender à finalidade do ensino que o momento em que vivemos exige.

Vale ressaltar que a finalidade do ensino e da aprendizagem das línguas estrangeiras deve ser norteadas de acordo com o contexto histórico, está relacionada ao momento cultural vivido pelos estudantes. A despeito disso, Oliveira (2009) acentua que:

Entre os séculos IX e XIX, época em que viajar era uma atividade extremamente difícil, pela falta de meio de transportes rápidos e confortáveis, o contato entre as culturas comumente se dava por meio dos textos literários. Nada mais natural, portanto, do que o ensino de línguas estrangeiras voltado para o desenvolvimento da competência de leitura dos estudantes. (OLIVEIRA, 2009, p. 23).

Para complementar o que Oliveira (2009, p. 23) disse acima, os PCNs (1998, p.21) nos mostram que existem outras relevâncias que ressaltam as dificuldades do ensino de L.I, logo eles dizem que:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes.

Portanto, o ensino e a aprendizagem da L.I nas escolas públicas precisa também atender às exigências de hoje. Eles têm sido baseados nos aspectos gramaticais apenas. Por isso tem sido maçante e desinteressante. O que não é difícil de constatar, “o retrato negativo no uso e na aprendizagem de L.I na sala de aula, em especial da escola pública, pode ser confirmado por inúmeros depoimentos”. (cf. SCHEYERL, 2009, p. 126).

Nesse processo de educação devemos lembrar que a interação é um traço determinante para o ensino-aprendizagem. Pois, a relação professor-aluno-conteúdo é dinâmica e não são estáticas, Freire (1988).

Apesar de todos os problemas que as escolas públicas apresentam por não disporem de recursos necessários para a consolidação das aulas, número inadequado de alunos por turma, carências de recursos audiovisuais, o fator mais dificultador ainda é o professor. Quanto a isso Oliveira (2010, pg. 29) seguramente afirma que “a grande maioria dos professores de línguas estrangeiras nas escolas públicas no Brasil falam muito pouco ou não falam a língua estrangeira que lecionam”.

Contudo, ainda temos Oliveira dizendo que o professor é um facilitador de pontes entre o conhecimento e o aluno.

Oliveira (2010, p.29) diz que:

Ao professor cabe a tarefa de propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos. Facilitar o processo de aprendizagem engloba uma série de atos bastante complexos, dentre os quais figuram: oferecer um ambiente afetivo na sala de aula que seja favorável ao aprendizado; recomendar leituras; transmitir informações relevantes para o processo de construção de conhecimentos.

Tomando por base essas concepções de ensino chegamos à escola escolhida para realização da pesquisa. Uma turma foi escolhida, o 9º ano B, do turno da manhã, o regente da turma era um professor, cujo nome não precisa ser citado aqui. O mesmo nos recebeu educadamente e a princípio não fez nenhuma resistência diante da necessidade de fazer a pesquisa de campo em sua sala.

Os discentes foram deslocados da escola para um laboratório de informática (telecentro), já que a escola não comporta esse tipo de laboratório. Chegando lá, logo foram todos encaminhados aos aparelhos e devidamente acomodados. Tiveram dificuldades para ligar os aparelhos e também na localização do blog que foi trabalhado.

Levando em consideração a observação acima, certificamos que não houve uma interação entre os fatores citados nas aulas que foram pesquisadas. Percebemos também, que

nas aulas que tivemos a oportunidade do contato direto dos alunos com o computador e a internet não fluíram, dando origem a várias especulações do tipo: será que eles não conseguem manusear um computador? Será que eles nunca tiveram uma aula dessa natureza? Respondendo as perguntas, mais da metade da turma realmente não sabiam mesmo usar o computador, nem para ligar o aparelho e nem muito menos para pesquisa. Mas isso não foi um empecilho, já que muitos atraídos pela curiosidade pediram pra que nós ensinássemos como fazia pra manusear o aparelho.

Logo após esse momento para obtermos uma socialização com o tema, mostramos um vídeo com a importância de se aprender inglês nos dias atuais, onde relatava que em todo o meio que vivemos, seja ele formal ou até no informal, faz-se muito uso do inglês.

Dando continuidade a aula, os apresentamos o blog “*Inglês no Supermercado*”, que traz além dos produtos usados por nós cotidianamente, um vasto vocabulário, noções de gramática e significados dos vocábulos. Quebrando a contradição dos alunos que dizem que não sabem inglês quando indagados em sala de aula.

Na verdade, isso nos mostra que não precisa propriamente se valer só dos conteúdos gramaticais para um aprendizado, nesse caso usamos um lugar de base informal que foi o supermercado para ensinar a L.I para os discentes.

Paiva (2009, p. 33) em suas investigações sobre aquisição da língua estrangeira, utilizando um *corpus* de narrativas de aprendizagem, onde os participantes contam como aprenderam ou aprendem diversas línguas, concluiu que quando motivados, os aprendizes utilizam a L.E para determinadas finalidades fora da sala de aula, tais como: ouvir música, ouvir programas de rádio e TV, assistir filmes, interagir com estrangeiros.

Tal processo precisa ter sentido para os alunos e o professor tem papel crucial para a consolidação dele. Assim, os resultados serão outros na sala de aula. Por isso é que concordamos quando Scheyerl (2010, p. 131) afirma que:

...a eficácia pedagógica dependerá principalmente da ação desenvolvida em sala com os alunos, pois é o professor quem tem a posição privilegiada de negociar, sugerir, incentivar e orientar as mudanças necessárias para que o processo de aprendizagem, como um todo, funcione de modo harmônico e produtivo.

Foi motivado por pensamentos assim e sabendo da importância que o inglês tem na nossa vida escolar, que chegamos à finalidade de trabalhar com as mídias virtuais. A era da informação veio pra ficar e para a educação foi uma grande aliada. Tendo em vista que podemos trabalhar com algo diferenciado e motivacional como os gêneros virtuais. Trazendo



para sala de aula algo que deixe a vontade de aprender com coisas simples que se fazem uso no dia a dia e que a inovação fosse também um caminho, já que fizemos a aula em outro ambiente.

Na apresentação do blog para os discentes, mostramos como podemos aprender inglês fácil com apenas produtos de supermercado, levando em conta seu significado. Neste cenário, cabe especialmente ao professor conduzir o processo para torná-lo reflexivo para todos que fazem parte dele. É preciso entendê-lo dessa forma e assim sair do que Siqueira (2008) chamou do “estado de silêncio” ou de “ignorância confortável”, ensinando conteúdos que façam sentido na vida social, que promovam o desenvolvimento de todos que dele participem.

O desenvolvimento da aula, porém, não foi tão proveitoso quanto imaginávamos pelo já relatado problema de não conhecimento da máquina, ou seja, da interação discente-computador.

Com poucos conhecimentos, os discentes tiveram dificuldades em acessar a internet e fazer a pesquisa no blog. Tendo em vista que, pelos seus relatos, era a primeira vez que eles tinham tido uma aula dessa natureza. Tivemos que direcioná-los um a um a página, perdemos muito tempo, já que tínhamos tão pouco para tal aula.

Numa tentativa de um plano B, em aproveitar ainda a aula, conseguimos mostrar pelo retroprojetor as imagens que havíamos mencionado do blog e trabalhamos ainda um pouco do vocabulário. Mostramos aos discentes que uma forma de aprender inglês sem estar propriamente em sala de aula era possível sim, só basta prestar atenção aos produtos que utilizamos e trabalhar as suas traduções.

Apesar de deixarmos passar despercebidos, todos os dias nós nos deparamos com uma série infindável de palavras em inglês, nesse caso faz-se necessário que abramos a mente para chegarmos a uma convicção sobre a importância e influência que esta L.E exerce sobre a nossa cultura. Segue as fotos de alguns itens que foram mostrados, os quais traduzem a hegemonia da língua em nosso dia a dia.





E não pára por aqui, se olharmos ao nosso redor, e começarmos a observar nos objetos de beleza, objetos escolares, bebidas, balas, brinquedos infantis e materiais de higiene, enfim praticamente em tudo, veremos o quanto o inglês é importante e inevitável em nossa vida.

Então ao terminar essa aula, passamos para a elaboração da última aula. A demonstração dessas figuras foi usada para exemplificar o que queríamos como trabalho dos discentes.

Em outro momento, foram elaborados pelos alunos, em sala de aula, anúncios publicitários que chamassem atenção para comercialização do produto. Foi uma tarefa complicada, desde a explicação ao desenvolvimento. Os discentes sentiram dificuldades na elaboração do projeto, mesmo com a utilização de dicionários.

Passaremos agora a chamar os discentes de A, B, C e D para exemplificar os desenhos e suas distinções, analisando alguns dos anúncios publicitários.

O discente A, desenhou a imagem que ele próprio escolheu, colocou a tradução da palavra chave do produto e propôs um anúncio baseado na sede do comprador, ou seja, criou um anúncio apelativo: compre uma Sprite que sua sede terá alívio imediato.

Nesse caso a conotação do significado do produto e o anúncio fazem sentido, pelo fato que, fadas, duendes e espíritos nos contos infantis somem num piscar de olhos.



O aluno B, usou a linha “Clear”, que tem fim para o uso da higiene capilar, para fazer seu anúncio. Deixando claro a sua finalidade e seu significado perante o dicionário. Resulta-se também em um anúncio apelativo, voltado para venda do produto.



O aluno C, nos trouxe como referência para a publicidade o produto “Diet Coke”, enfatizando em sua frase publicitária o resultado que se tem ao consumi-lo. Nesse caso, já não encontramos o apelo e sim informação sobre os benefícios do produto.



Finalizando a parte dos anúncios publicitários, temos o aluno D com uma propaganda um pouco confusa. Não deixando claro para que o produto serve, se é para o uso de higiene pessoal ou uso de limpeza doméstica. Faz confusão das palavras, esquecendo a intenção que foi de anunciar.



Nessa atividade voltada para a interação dos alunos com o campo da publicidade, observamos que eles tiveram dificuldades para produzirem esse gênero e nem todos alcançaram o objetivo proposto, como vimos na análise.

Com base nesses pressupostos, podemos perceber que esse tipo de ensino e de atividade é um método distante da realidade escolar dos discentes.

Após essa atividade, foi aplicado um questionário para os 14 alunos presentes em sala, onde eles fizeram seus relatos sobre a aula e esse tipo de método de ensino por meio de gêneros virtuais.

Esta última intervenção foi desenvolvida para podermos analisar e pensar no que se pode mudar no ensino de L.I hoje nas escolas públicas, visando aumentar o aprendizado e o interesse dos alunos para um L. E.

As questões do 01 ao 04 foram de marcar, ou seja, questões objetivas. Na questão 01 todos marcaram que a aula foi boa, na 02 a pergunta foi em relação de como são as aulas de L.I normalmente e eles marcaram a resposta que, interagem com o professor em sala de aula, na 03 perguntamos se a aula facilitou o aprendizado de L.I e todos os discentes marcaram que sim e na última questão objetiva de número 04 todos marcaram que o objetivo da aula ficou claro, finalizando as questões objetivas.

Das questões 05 a 10, tivemos as questões dissertativas onde os alunos abordados, relataram as suas expectativas sobre a aula e o ensino de L.I.

Na pergunta de número 05, os discentes foram indagados se já tinham participado de uma aula de L.I em um laboratório de informática.

O aluno A disse: *“Nunca participei de uma aula assim, mas gostei muito”*.

O aluno B completou dizendo: *“Nunca participei, falta oportunidade”*.

Já o aluno C enfatizou a não participação desse tipo de aula, dizendo: *“Achei muito interessante, pois aprendi de uma forma diferente”*.

Quando foram questionados na pergunta 06 sobre o que tinham achado da experiência de trabalhar sites que contém coisas do nosso cotidiano como forma de aprendizado, eles foram bem claros em suas repostas.

*“Excelente, pois conhecemos os sites e podemos tirar dúvidas com ele”*. O aluno A relatou.

O aluno B disse: *“Eu gostei, é mais fácil aprender assim”*.

E o C destacou: *“Achei interessante e não imaginava que poderia ser fácil aprender inglês pelo computador”*.

Na pergunta de número 07 questionamos se o professor tinha alcançado êxito em relação ao interesse deles em aprender outra língua e obtivemos diversas respostas interessantes.

“*Sim, ele mostrou que podemos aprender inglês de um modo diferente.*” Respondeu o aluno A.

“*Sim, ele nos incentivou e tivemos bastante progresso na aula*”, relatou o aluno B.

O aluno C, analisou: “*O professor conseguiu motivar, mostrando coisas novas pra gente*”.

Chegando a indagação 08, perguntamos se o conteúdo da aula tinha servido para o aprendizado e veja o que eles disseram.

O aluno A: “*Sim. Aprendemos muito e pudemos desenvolver muito mais nosso aprendizado*”.

Já o aluno B disse: “*Sim, por que aprendi o significado das palavras*”.

“*Sim, A aula nos ajudou a motivar e aprender mais*”. Disse o aluno C em sua resposta.

Com a questão 09, foi questionado se eles tinham ficados surpresos com a quantidade de palavras em inglês que usamos no nosso dia a dia e não nos damos conta.

“*Não imaginava que tinha tantas palavras assim, pensei que eram poucas já que não vivemos nos Estados Unidos*”. Falou o aluno A.

O B foi bem simples e disse: “*Fiquei surpreso sim*”.

E o C respondeu: “*Sim, são muitas palavras que nós temos em nossa volta em inglês*”.

Para obter mais aprendizado no ensino de L.I, é preciso inovar e sair dos padrões de ensino já tão tachados e só assim tentar alcançar algum objetivo com esses discentes cada vez mais desmotivados. Foi nessa observação que na questão 10 perguntamos se aulas dessa natureza refletem mais aprendizado pra os alunos.

E pra completar o que vimos até aqui, eis as últimas respostas obtidas.

O aluno A enfatiza: “*É sim importante termos mais aulas desse tipo, porque aprendemos de uma forma diferente*”.

Numa mesma esfera o B vem diz: “*Sim. É preciso termos aulas diferentes porque nossas aulas são sempre a mesma coisa*”.

E pra encerrar as respostas do questionário, o aluno C diz: “*Sim, porque nós aprendemos mais assim o inglês*”.

A partir das respostas breves dos alunos, mas que foram muito positivas e de muita valia pra nossa pesquisa, vemos que a vontade deles é que seja introduzidas novas vias de

acessos ao ensino de L.I, como os gêneros virtuais, para facilitar esse aprendizado. Contudo, temos a grande dúvida do docente que é: como encaixar isso no nosso dia a dia em sala de aula com tanta falta de recursos e carga horária mínima? Novos métodos de ensino são sempre bem vindos, desde que as competências responsáveis façam sua parte para que a execução desse tipo de aula aconteça.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar inglês, na Idade contemporânea, é o mesmo que abrir os portões do mundo, uma vez que, qual for a língua nativa de um país, temos a certeza de que as chances de encontrarmos alguém que fale ou mesmo entenda este idioma seja muito grande. Sendo assim, percebemos que, pela aquisição do adequado conhecimento linguístico, o indivíduo pode apropriar-se de saberes, transmitir sua cultura e estabelecer vínculos com outras, ampliando seus horizontes e intercambiando culturas.

Para afirmar o que se fala acima e na tentativa de mostrar aos discentes que o ensino de L.I tem sua importância, o presente trabalho vem para discutir acerca dos novos pressupostos da aprendizagem escolar por meio do uso dos gêneros virtuais. Ao ter abordado esses conceitos de gêneros digitais, buscamos, com isso, tentar mostrar como estes estão inseridos na nossa realidade e não são usados na tentativa de pensar em um ensino transdisciplinar.

Nesse sentido, ao propor uma pesquisa com alunos do ensino fundamental, que envolva o uso dos gêneros virtuais na criação de anúncios publicitários, estamos operando para com eles uma nova concepção de ensino, que poderia ser considerado pelas competências habilitadas no âmbito de ensino, uma obrigação, sendo um facilitador da inserção de um idioma que é rejeitado pela maioria dos alunos. Facilitando então, o aprendizado, desenvolvimento e explorando suas capacidades quanto ao ensino de L.I.

Considerando as limitações deste estudo, é possível afirmar que alguns ajustes precisam ser feitos para a implementação de propostas curriculares para o ensino de L.E que permitam a aprendizagem de conteúdos significativos. O ensino de inglês nas escolas públicas e particulares deve ser levado ao desenvolvimento com seriedade, possibilitando a produção do conhecimento da língua em suas quatro habilidades: escrita, leitura, fala e compreensão. É necessário que a escola se encontre de fato nas propostas educativas apontadas pela legislação e pelos estudos recentes e que consiga se (re)-significar, de modo singular, perante o corpo discente e docente, a fim de alcançar as expectativas por parte dos discentes em relação ao ensino e aprendizagem desse idioma.



## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999.
- CRYSTAL, David. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção do sentido. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org). *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. p. 13- 67
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que o professor de português precisa saber: a teoria na prática*: São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes e. (2009). *O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia*. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola. p. 31-38
- PILETTI, Nelson. *Psicologia educacional*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- SANDMANN, Antônio José. *A linguagem da propaganda*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SCHEYERL, Denise.(2009). *Ensinar língua estrangeira em escolas públicas noturnas*. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola. p.125-139
- SOARES, M. *Novas práticas de Leitura e Escrita: Letramento na cibercultura*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-7330008&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-7330008&lng=pt)>. 2002b  
Acesso em: 02 de julho de 2014.

# Anexos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
COMPONENTE CURRICULAR: TCC  
ORIENTADOR: LUIZ HENRIQUE ANDRADE  
ALUNA: MIRLENE SOARES DE OLIVEIRA

QUESTIONÁRIO PARA FINS AVALIATIVOS

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO: \_\_\_\_\_

1. O que você achou desta aula?

- Boa
- Regular
- Excelente

2. Como são as aulas em língua inglesa normalmente?

- Só o professor fala
- Vocês participam da aula com o professor
- O professor usa só livros didáticos pra executar a aula

3. A aula facilitou seu aprendizado em língua inglesa?

- Sim
- Não
- Sim, muito

4. O objetivo da aula ficou claro?

- Muito claro
- Um pouco claro
- Nem um pouco claro

5. Vocês já tinham participado de uma aula em língua inglesa assim numa sala de informática?

\_\_\_\_\_

6. Que vocês acharam da experiência de trabalhar a língua inglesa com os sites que contêm coisas do nosso cotidiano?

---

---

7. O professor conseguiu motivar os alunos a aprender e se interessar por outra língua?

---

---

8. O conteúdo da aula valeu a pena para o aprendizado?

---

---

9. Você ficou surpreso com a quantidade de palavras em inglês que usamos diariamente e não nos damos conta?

---

---

10. Em sua opinião, para se obter mais aprendizado no ensino de língua inglesa, é preciso fazer mais aulas dessa natureza?

---

---